

# HOSPITAL DE SANGUE E

FRO NT, PARA O "DIARIO CARIOCA"

## VARIAS ENFERMEIRAS

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Por via aerea — Ontem passei por um hospital de campo instalado em um sobrado á beira da estrada que vai para a frente. Ali só ficam os feridos que têm necessidade urgente de ser operados e não podem suportar uma viagem mais longa. No momento só havia cinco homens, todos já operados: tres brasileiros, um americano e um alemão. A enfermeira Neuza Meio Gonçalves — morena, alta e bem disposta, que encontrei consolando com uma tagarellice alegre um pracinha ferido — me disse que todos já tinham sido operados, e estavam bem. O que estava pior era o alemão, que respirava com dificuldade.

— "Ele mesmo se salvava — disse a enfermeira. Sobre os outros, não tenho duvida. Vá conversar com eles. Conversa faz bem.

O primeiro com quem falei foi um sargento, que recebera na vespéra 16 estilhaços de granada, mas com tanta sorte que nenhum o atingiu de maneira grave. Perguntou se eu podia por o nome dele no jornal. Respondi que sim. Ele hesitou um pouco:

— Mas não vale a pena. O pessoal lá em casa vai pensar que

estou morrendo — e eu aqui fumando o meu cigarro bem sossegado. O senhor sabe como é mulher. Um pracinha preto me recebeu sorrindo:

— A cobra está fumando, velho...

— Então, os tedesços te arrebetaram, hein!

— E', mas eu volto lá.

Contou que a munição de sua metralhadora estava acabando e ele usou granadas de mão.

— Vi tres alemães pularem e caírem no chão. Si morreram, não sei. Quando na mesma hora veio uma granada de morteiro. Não sei si me joguei no chão ou se foi ela que me jogou. Mas não ha de ser nada.

Perguntei se na sua opinião os alemães sabem lutar. Ele riu:

— Pois olhe eu aqui. Se sabem! Aqueles então estavam atrevidos. Nós tinhamos tomado uma posição deles. Quando anoiteceu eles vieram rastejando. Parece que queriam cercar a gente. De vez em quando a gente ouvia um assobio baixinho, e depois outro mais longo, e depois outro. Eram eles que faziam ligação um com o outro. Quando eles chegaram a uns 50 metros, a Lourdinha cantou — e cantou feio em cima de nós. Nós também abrimos fogo, e eles aca-

*Segue*

*(Enfermeiras - Dz. 44 - FEB)*  
*pg 125*

baram sumindo.

O outro ferido brasileiro está dormindo. A enfermeira Altamira Valadares, me diz que está muito satisfeita com aquele novo hospital:

— Estava cansada de dormir em barracas. Aqui temos a nossa casa. A gente passa melhor, e os doentes também. Arranjamos uma cozinheira italiana muito boa.

Dois enfermeiras que tinham ido dar uma volta de "jeep" ao Q.G. estão de regresso. Uma é bastante alta: Juraci França Xavier. A outra que vem ao seu lado conservando, com um medico é Carminha Bebiano. Há ainda outra nesse Hospital: Jacira Gois. As outras enfermeiras são americanas.

#### NUM HOSPITAL DE EVACUAÇÃO

O hospital a que me referi acima é um hospital de campo. Os feridos ou doentes que não precisam ser operados ali vão para um outro hospital, uns 20 quilômetros mais para a retaguarda. Este, que visitei hoje, é um hospital de evacuação: ali são tratados os homens "recuperáveis" em uma semana ou 10 dias. Se não podem ter alta nesse prazo vão para um hospital ainda mais recuado — de "estacionamento". Se passam ali

mais de 15 dias vão para um hospital geral, em Napoles — e se não aprumam são mandados de volta ao Brasil.

Isso tudo quer dizer que o hospital que visitei hoje é um dos que têm mais serviço, pois a ele afluem a maioria dos feridos e doentes. Está instalado em uma série de barracas, todas com bons aquecedores.

Almoço ao lado de Elza Cansação Medeiros, que conversa com volubilidade, tem os dentes superiores um pouco salientes (o que não a enfeia de modo algum) e uma covinha no rosto. Foi a primeira enfermeira a se apresentar como voluntaria para a Força Expedicionaria, e me conta que no Rio já trabalhou na imprensa. Acompanhou-a até sua barraca, onde sou apresentado a Gemma Immaculata Ottolograno, que manda dizer a d. Rafaela (rua do Riachuelo, 143, 1.º andar) que vai bem e que escreva. Gemma é da ultima turma: saiu do Rio em 29 de outubro.

Arminda Celia Barros é cearense e Jandira Bessa de Meireles é baiana — e são izi-lhas do leito. Ambas me enchem de recados — diga isto a mamãe, saudadas para Sonia e Ony, diga a minha mãe que se chama d. Odila que já recebeu a carta, etc., mas os recados

ficam misturados em meu caderno de notas — porque as duas falavam ao mesmo tempo. Ha, entretanto, um nome de homem: Renato Mendonça. Radio Sociedade da Baía, Cidade do Salvador. É o marido de Jandira.

Uma outra enfermeira que chega censura as duas que falam em voz alta e aponta o fundo da barraca: — Vocês estão doidos? Vão acordar a Antonieta.

Antonieta Ferreira trabalha na sala de operações e trabalhou a noite inteira. Não é justo, acordá-la.

As enfermeiras brasileiras trabalham, como norma geral, das 7 da manhã às 7 da noite, com 3 horas de descanso no meio — mas naturalmente, quando é necessário, dispõem a trabalhar nas horas de descanso. Antonieta fez serviços extraordinários e deve estar cansada, enrolada em cobertores no seu cantinho de barraca: quando saio continua a dormir.

Vou visitar uma enfermeira e encontro de serviço uma enfermeirinha morena, de olhos muito vivos, nascida no Acre e com um nome que só no Acre era capaz de aparecer: Jurgleide.

— Mas chamam a senhora por esse nome aqui?

— Não. As minhas coleças brasileiras me chamam de Doris, e as

americanas me chamam de Miss De Castro. São meus sobrenomes. Jurgleide nasceu em Cruzeiro do Sul e tem 27 anos, é solteira e está há tres meses na Italia.

— Está gostando?

— A gente dizer que gosta disso aqui é bobagem. Ninguém pode gostar de uma vida assim, com tanto trabalho e longe do Brasil. Mas por nada deste mundo eu voltaria para lá agora. Vim porque quis e estou contente tratando os meus soldados. Tenho uma coleção de lembranças que elas me dão. Naquela inundação que houve no Hospital 38 eu perdi das lembranças que tinha ganho de meus soldados e não imagine quanto senti. Eu só volto para o Brasil quando não houver mais nenhum soldado brasileiro doente nem ferido na Europa.

Jurgleide manda saudades para sua tia d. Alice de Castro, rua Magalhães Castro n.º 169, casa 11, Rio.

O sargento Darci Moderna, quando me vê tomar nota desse recado, pergunta se eu não posso mandar dizer ao tio dele, Luiz do Nascimento, gabinete do ministro da Guerra, que recebeu a carta mas não a encomenda. Respondo e não: sou pombo-correio exclusivo das enfermeiras.

(Enfermeiras - D3.44 - FEB)